

REVISTA VIRTUAL

guitarload

#068 • JUL / 2016

LANÇAMENTOS

2016

Confira os principais lançamentos
apresentados na Expomusic 2016

ENTREVISTAS

Joe Basílio
Cauê Cury

BANDA EM DESTAQUE

Stringbreaker and
The Stuffbreakers

REVIEW

Cordas Solez

JOHNNY MAGRÃO

POR CARLOS MESQUITA



QUAL QUE É

Johnny Magrão é um velho conhecido dos frequentadores da Galeria do Rock, no Centro de São

Paulo. No local, comanda a tradicionalíssima loja Aqualung Records. Se o trabalho dele é considerado

diversão por uma porção de pessoas que curtem som, o que Magrão costuma fazer nas horas vagas? Toca violão, canta, escreve letras e compõe com talento de artista que, na bagagem, carrega anos de estrada. Essa, pelo menos, é a impressão gerada pelo álbum de estreia do cara, lançado pouco tempo atrás.

Musculoso, substancioso, vigoroso, entre tantos outros predicados que poderiam ser listados depois de uma audição atenta, **Qual Que É** soa basicamente *rock and roll* setentista. Nem por isso deixa de reunir elementos de outros estilos e gêneros, como *blues*, *rock* progressivo e até MPB. Em determinados momentos, a propósito, a mistura gera um quê Clube da Esquina.

Das 11 canções do CD, dez são autorais. Penúltima faixa do repertório, “Gigante Gentil” é a única que foge à regra. Trata-se de uma versão de “Red, White and Blue”, do Lynyrd Skynyrd. Na releitura, as cores dos Estados Unidos dão lugar ao amarelo, verde, branco e azul do Brasil, ordem cantada por Magrão.

Ao lado das boas composições, a parte instrumental é um dos pontos altos. As músicas ganharam o peso da mão, da trajetória e da experiência de músicos como Eduardo Ardanuy, Faiska, Luiz Carlini (guitarras), Andria (baixo) e Ivan Busic (bateria). A faixa de abertura, o *hard rock* “Vento a Favor”, é uma excelente mostra da

qualidade técnica de todo o material. Talvez soe Golpe de Estado para alguns. Talvez pareça Dr. Sin para outros, o que é bastante natural. A execução, afinal, ficou a cargo do trio formado por Edu e os irmãos Busic. Afora tudo isso, em certos trechos a voz de Magrão remete sutilmente a Roberto Frejat, do Barão Vermelho.

A segunda música, “Mensagem”, segue caminho semelhante. De diferente, assovios e compassos complexos que, de tão bem-encaixados, fluem da forma mais espontânea possível. Harmonicamente impecável, exhibe curvas rítmicas que, uma vez mais, ratificam a habilidade dos responsáveis pela cozinha. A partir da terceira, “Arte da Sorte”, a pegada muda

de rumo e as baladas ganham espaço. Magrão a concebeu com Felipe Mendes e Jadson Gallego, do grupo pernambucano Rhudia, com quem divide os vocais. O timbre do parceiro, aliás, chega a lembrar Milton Nascimento.

Da quarta faixa, “Utopia – Qual Que É”, saiu o nome da obra. Dela, destacam-se a melodia e a atmosfera alto-astral transmitida pela letra. Na sequência, “Costela de Adão” aborda, de maneira espirituosa, inteligente e sutil, a relação de amor e tesão entre um homem e uma mulher. Por meio de metáforas, Magrão fala de um tema *caliente* com a criatividade, a leveza e a beleza de estruturas imaginadas somente por poetas. Outro elemento que chama a atenção é a linha de baixo, uma das

melhores de todo o disco. O instrumento de Andria – que assinou a produção, fez *backing vocal* e também tocou violão e guitarra – parece cantar junto. O clima quente desemboca no romantismo de “Por Onde For”, em que os violinos de Cassio Poletto assumem o protagonismo. Já “Migalhas” aposta na inspiração estimulada pela melancolia, pela decepção e pela solidão, ingredientes que foram amparados por um violão encorpado e a tecladeira introspectiva de Adriano Grineberg.

A próxima do repertório, “Virtude”, foi dividida em duas partes. Mais curta, a primeira é acústica e funciona como introdução da segunda, uma das melhores do disco com uma melodia envolvente e cativante. A dobradinha

entre guitarra e baixo cresce no momento em que Magrão canta “A flor da nossa juventude/Brota da alma e da virtude”. A dinâmica das cordas culmina num arranjo denso. Fechando, “Panorama” trafega pelo *rock and roll* e pelo *blues*, que se misturam e se separam sem deixar marcas. A inserção de um trecho do hino nacional e a inclusão de uma marcha militar executada na caixa da bateria reforçam as críticas à sociedade e ajudam a complementar o tom irônico. Sinceramente? Alguém capaz de produzir algo com a qualidade e a sensibilidade de *Qual Que É* pode viver de vender CDs de um lado bem diferente do balcão. O passatempo pode muito bem ser o ganha-pão.

CARLOS MESQUITA

REVISTA VIRTUAL

guitarload

www.guitarload.com.br